

PRONUNCIANDO O IMPRONUNCIÁVEL:

UMA REFLEXÃO ACERCA DOS USOS E DOS SENTIDOS DOS PALAVRÕES NO PORTUGUÊS

BRASILEIRO

PRONOUNCING THE UNPRONOUNCEABLE:

a reflection on the uses and meanings of swear words in Brazilian Portuguese

Anderson Rany Cardoso da Silva¹
Ariane Vitória Paulino de Medeiros²
Matheus Kennedy Henriques de Macêdo³

RESUMO: As formas de comunicação humana são diversas do mesmo modo que as relações sociais e os contextos comunicativos que estabelecemos. Nesse prisma, há uma espécie de convenção social que limita o uso de certas expressões em determinadas condições de fala, caso dos palavrões, vocábulos interjetivos que acionam a manifestação dos sentimentos humanos. Assim, esta pesquisa procura refletir sobre os usos e sentidos dos palavrões no português brasileiro, dando ênfase aos dados reais de fala oriundos da esfera jornalística, uma das áreas mais marcadas pelo uso rebuscado da linguagem. Na nossa análise, daremos destaque à maneira como alguns gramáticos definem as interjeições (classe dos palavrões), bem como faremos uma discussão acerca do tabu linguístico que restringe o uso de tais lexias. Como resultados desse estudo, podemos apontar que os palavrões ainda não são vistos com seu potencial comunicativo: como vocábulos interjetivos que expressam diversas emoções, como o espanto e a indignação.

PALAVRAS-CHAVE: Palavrão, Interjeição, Comunicação, Tabu linguístico, Fala.

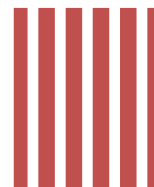
ABSTRACT: The forms of human communication are diverse, as are the social relationships and communicative contexts that we establish. In this perspective, there is a kind of social convention that limits the use of certain expressions in certain speech conditions, such as swear words, interjective words that trigger the manifestation of human feelings. Thus, this research seeks to reflect on the uses and meanings of swear words in Brazilian Portuguese, placing emphasis on real speech data from the journalistic sphere, one of the areas most marked by the elaborate use of language. In our analysis, we will highlight the way in which some grammarians define interjections (class of swear words), as well as discuss the linguistic taboo that restricts the use of such lexies. As a result of this study, we can point out that swear words are still not seen with their communicative potential: as interjective words that express different emotions, such as astonishment and indignation.

KEYWORDS: Swearword, Interjection, Communication, Linguistic taboo, Speech.

¹ Professor de Língua Portuguesa do Departamento de Letras e Humanidades (DLH) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). E-mail: andersomrany031@gmail.com

² Graduanda em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: ariane.medeiros@aluno.uepb.edu.br

³ Graduando em Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: kennedymatheus473@gmail.com



1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A comunicação humana é muito complexa, pois cotidianamente corremos o risco de utilizarmos expressões equivocadas que comprometem o sentido dos enunciados e, conseqüentemente, podem ofender, constranger ou inferiorizar alguém, quando levamos em conta a diversidade linguística e sociocultural do Brasil. Entretanto, os processos comunicativos não se estruturam apenas em torno dessas dificuldades. As expressões populares, por exemplo, são demonstrações da capacidade de criação de novos vocábulos para atender as demandas linguísticas de um dado povo e compõem a riqueza de nosso léxico. Os palavrões, interjeições em sua maioria, são mostras de tais palavras criadas para determinados fins e que não são abraçadas pelas páginas dos dicionários da língua portuguesa.

É comum vermos os palavrões sendo censurados em textos jornalísticos, por exemplo, com o uso de um asterisco e ou de uma reticências. Isso ocorre porque nossa sociedade, calcada nos "bons costumes" e na moral cristã, considera o uso dos palavrões como falta de educação. Além disso, no pensamento popular, o palavrão é algo a ser evitado, visto como pecado, termo que "chama" ou é coisa do diabo. Muitos idosos, para efeito de exemplo, fazem o sinal da cruz quando ouvem alguém pronunciar o "impronunciável", modo de se livrar da "desgraça" que tal termo pode acarretar.

Para além dos misticismos que rondam os chamados palavrões, linguisticamente, não podemos descartar a potencialidade funcional desses vocábulos. De acordo com Fiorin (2022), a linguagem é, por excelência, um instrumento de comunicação, mas também de expressão dos sentimentos e emoções que nos tomam de sobressalto, muitas vezes. Os palavrões, como uma pequena parte dessa constituição da linguagem, são proferidos justamente nesses momentos de expressão de sentimentos e de emoções pelos quais passam os usuários de uma língua. Em outras palavras, é como se fosse uma descarga da tensão emocional que também afeta a linguagem, que pode acometer mesmo aqueles indivíduos que mais se políam no trato linguístico. Desse modo, ressalta-se a importância deste estudo como meio de desanuviar os estereótipos inerentes aos palavrões e revelar, mais nitidamente, a relevância de tais lexias para a comunicação humana, especialmente nos usos constantes feitos pelos falantes brasileiros.

Diante do panorama apresentado, nossa pesquisa propõe realizar uma reflexão sobre os usos e os sentidos dos palavrões no português brasileiro. Para tanto, nossa pesquisa percorrerá os

meandros do universo das interjeições (classe gramatical em que se insere os palavrões), traçando um panorama entre dados gramaticais retirados da tradição e dados reais de fala da esfera jornalística, discutindo também a ideia de palavra e palavrão e o impacto dos tabus linguísticos que restringem/condenam o uso de tais termos.

Além dessa introdução, nosso artigo se divide em outras cinco seções. Num primeiro momento, discutiremos sobre como a tradição gramatical brasileira compreende as interjeições, onde consideramos estar incluídos os chamados “palavrões”; em seguida, faremos uma distinção entre os possíveis entendimentos sobre palavra e palavrão, colocaremos em discussão o peso do tabu linguístico como impeditivo para o uso e a contemplação dos palavrões como vocábulos importantes para o processo enunciativo e destacaremos o percurso metodológico que possibilitou este estudo. Por fim, abordaremos os usos e sentidos dos palavrões no português brasileiro a partir, principalmente, de exemplos advindos de matérias jornalísticas.

2. AS INTERJEIÇÕES SOB A ÓTICA DAS GRAMÁTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Juntamente com os advérbios, preposições e conjunções, as interjeições são classificadas, pela gramática tradicional, como categorias gramaticais invariáveis, ou seja, não apresentam flexões de gênero, número e grau como as demais classes, e expressam, grosso modo, para a exposição dos sentimentos humanos a partir das palavras/expressões linguísticas.

No quadro abaixo apresentamos algumas definições do que seriam as interjeições propostas por alguns gramáticos de diferentes vertentes, desde aqueles mais ligados aos estudos sintáticos (Bechara, 2018), ao ensino gramatical (Terra, 2011) e à perspectiva normativa da gramática (Lima, 2011).

Quadro 1: Gramáticas tradicionais e suas respectivas definições de interjeição

GRAMÁTICA	DEFINIÇÃO DE INTERJEIÇÃO
<i>Gramática Normativa da língua portuguesa</i> , de Rocha Lima (2011)	“Interjeição é a palavra que exprime emoção” (p. 240).
<i>Novíssima gramática da língua portuguesa</i> , de Domingos Cegalla (2005)	“É uma palavra ou locução que exprime um estado definitivo” (p.300).
<i>Lições de português pela análise sintática</i> , de Evanildo Bechara	“Traduz os estados d’alma por si mesma” (p.207).

(2018)	
<i>Curso prático de gramática</i> , de Ernani Terra (2011)	“É a palavra invariável com a qual exprimimos sentimentos e emoções súbitos” (p.191).

Fonte: Autoria própria.

De forma geral, todas estas gramáticas tratam as interjeições a partir do seu caráter semântico, isto é, com "função de expressar as irrupções emocionais do falante" (Batista, 2013, p.13). Para Rocha Lima (2011), as interjeições são "elementos afetivos" da linguagem, tendo posição de frases inteiras, variando de sentido a partir da entoação que as acompanha. Não diferentemente, Cegalla (2005) considera também que outras palavras podem assumir o papel de interjeição, como o verbo no imperativo "Viva!". Bechara (2018) aparenta propor uma nítida distinção entre os tipos de interjeições ao separá-las entre sons vocálicos (oh! Ah!), verdadeiros vocábulos já correntes na língua (olá! Bravo!) e as locuções interjetivas (ora, bolas!), reconhecida, também, pelos demais gramáticos. Para ele, as interjeições são palavras com linguagem emocional constituintes de frases exclamativas. Por fim, Ernani Terra (2011) apresenta a interjeição como **palavra-frase**, ou seja, estrutura à parte, que não desempenha função sintática e por isso alguns gramáticos não a consideram uma classe gramatical.

Diante do panorama apresentado, constatamos que o entendimento acerca da interjeição pelos gramáticos e estudiosos da língua portuguesa não é questão pacificada. Segundo Martins (2012, p.1), “trata-se de matéria controversa, haja vista que as estruturas interjectivas são apresentadas nos livros de português ora como classe gramatical, ora como palavras que exprimem emoção, ora como frases unimembres e até mesmo como orações”. A complexidade de uma categorização precisa para as interjeições, muitas vezes, as deixa no limbo dos estudos gramaticais em sala de aula, por exemplo, onde o seu caráter semântico parece ser o único a ser ressaltado.

Entretanto, as interjeições possuem uma função comunicativa muito relevante para os discursos proferidos. Se são desprovidas de carga sintática, as interjeições “costumam vir acompanhadas de contornos melódicos ora exclamativos, ora interrogativos, ora de chamamento que, em função de sua autonomia, estabelecem relações com outras estruturas lexicais para constituir unidades complexas” (Martins, 2012, p.3). São, portanto, elementos partícipes da construção dos enunciados e dos tons que os envolvem.

3. PALAVRA E PALAVRÃO: QUAL A DIFERENÇA?

A comunicação humana se estabelece, usualmente, a partir da linguagem escrita e falada. Para tanto, se faz necessário o uso das palavras como forma de externar o pensamento que se quer transmitir. Assim, partindo das raízes greco-latina, a palavra significa

Unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, constituir enunciado; forma livre. 2. Unidade pertencente a uma das grandes classes gramaticais, como, por exemplo, substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, abstraídas as diferentes realizações (marcas flexionais) que ela possa apresentar; lexema. [...] 4. Nas escritas modernas, unidade constituída por grafemas, delimitadas por espaços em branco e/ou sinais de pontuação. 5. Alta expressão do pensamento; verbo. [...] 7. Faculdade de expressar ideias por meio de sons articulados; fala [...] (Ferreira, 2004, p.1470).

Diante do que é exposto no dicionário de língua portuguesa não é difícil perceber a complexidade que acompanha o uso e sentido da palavra. Tudo isso vai se moldando mediante as perspectivas das sociedades, culturas e situações em que as palavras se fazem presentes para atender dado objetivo. Expressões como “cuidado com as palavras”, “medir as palavras”, “usar bem as palavras” e tantas outras remetem às variações culturais e sociais que levam a ideia de palavra à tiracolo. Essas expressões também traduzem algo relevante para nossa pesquisa: as palavras têm peso, ou melhor, carga semântica. Nada que é dito ou escrito é “jogado ao vento” sem produzir efeito/reação em outrem ou em nós mesmos, já que isto é o princípio da comunicação.

É dessa perspectiva que surgem os chamados palavrões. Todo termo pode possuir duplo sentido e, por isso, o palavrão pode ser “palavra obscena ou grosseira; palavrada, pachourrada” ou “palavra grande, difícil de pronunciar” e “termo enfático ou empolado; palavrada” (Rocha; Oliveira, 2015, p.349). Sandmann (1993, p.221) pontua bem ao afirmar que “o sufixo -ão não empresta à palavra ideia de aumento, mas de impropriedade ou inoportunidade, de ofensividade aos sentimentos do nosso interlocutor ou de nós mesmos”. O palavrão não perde a essência da palavra, haja vista que ele o é. O que o difere é justamente sua carga semântica, muitas vezes ofensiva, chula, despidorada. Por isso o medo dos palavrões, termos que, para muitos, devem ser evitados ao máximo.

4. O TABU LINGUÍSTICO E O EMPREGO TERMINOLÓGICO DOS PALAVRÕES

De acordo com Orsi (2011), o preconceito linguístico está atrelado à não aceitação de determinadas expressões divergentes, por vezes, do que é socialmente aceito. Nesse sentido, o ser humano tende a entrar em conflito quando o outro diverge da sua opinião, levando-o ao preconceito que, como a própria nomenclatura sugere, trata-se do “pré-conceito”, ou seja, um julgamento prévio sem uma razão aparente.

Com efeito, tal atitude se faz presente, frequentemente, no emprego dos palavrões ou, como os moralistas costumeiramente denominam, “expressões de baixo calão”. As enunciações que se referem aos órgãos sexuais, normalmente, são mascaradas pelos jargões médicos ou pela substituição por vocábulos “amenizantes”, que ocultam o real significado do objeto (Orsi, 2011). Um exemplo de tal fato é o emprego dos lexemas “banana” ou “linguiça”, para fazer alusão à genitália masculina.

Nesta linha de raciocínio, observa-se o temor presente na sociedade quanto à sexualidade, sendo que esta é um fator inerente à vida humana desde os primórdios, afinal, só existimos graças à prática sexual de outrem que, conseqüentemente, deu origem à nossa existência.

Tal realidade é evidente nas práticas curriculares das instituições de ensino que, em sua maioria, insistem em não ofertar a educação sexual para crianças e jovens, forçados pela classe dominante e moralista, que afirmam com veemência que a inserção de tais componentes nas escolas “incitariam” os discentes a praticar atividades sexuais precocemente.

Tem-se o conhecimento, através de relatos em jornais e outros veículos de comunicação, de que a educação sexual nas escolas contribuiu para que muitos alunos se sentissem seguros para relatar os casos de abuso sofridos, outrora, em silêncio. Quando o professor ensina aos alunos do infantil que um desconhecido não deve tocar em “certas partes”, adaptando a linguagem para cada público, a criança crescerá com a consciência de que qualquer violação em seu corpo deve ser denunciada e passará tais informações aos seus amigos.

Nesta seara, constata-se que o emprego terminológico dos palavrões, nas situações cabíveis, pode expressar diversos sentimentos, como alegria, raiva, amor, dentre outros. À guisa de contextualização, pode-se citar a preferência de certas pessoas ao xingamento do parceiro no ato sexual. Neste caso, a utilização das expressões obscenas, levando em consideração a dignidade do outro, torna-se um fator favorável para o momento, bem como o elogio através dos palavrões, como forma de expressar alegria.

A partir dos argumentos supracitados, depreende-se que retirar o uso dos palavrões da

linguagem coloquial é uma utopia, tendo em vista que outras expressões não são capazes de exprimir o sentido expresso pelos palavrões e estes fazem parte da nossa cultura (Silva, [s./d.], p. 2 *apud* Rocha; Oliveira, 2015, p.351).

Proibir o emprego dos ditos “palavrões” é um ato de censura, levando em consideração que tais vocábulos são empregados, de uma forma ou de outra, por todos nós em determinadas situações. Sendo assim, se é um fato socialmente utilizado, diz respeito à língua, pois esta é social, é viva e adapta-se às mudanças ocorridas na civilização, como assinala Bagno (2016) em seu escrito intitulado “Comunicar é o que importa, certo? Errado!”: “Vivemos mergulhados na linguagem, não conseguimos nos imaginar fora dela — estamos mais imersos na língua do que os peixes na água”.

5. PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Quanto ao percurso metodológico, nossa pesquisa se debruça nos estudos bibliográficos que, de acordo com Gil (2008, p.50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Neste ínterim, buscamos obras de autores consagrados na área, como Fiorin (2022); Bechara (2018); Orsi (2011) e tantos outros que serão destrinchados ao longo do texto, como forma de embasamento teórico e coleta de dados.

No que tange à natureza, nosso estudo configura-se como sendo qualitativo, ou seja, preocupamo-nos com a qualidade dos resultados obtidos com tal pesquisa, como bem pontua Marconi e Lakatos (2019, p. 298), “nesse caso, a preocupação concentra-se na qualidade dos resultados alcançados com a pesquisa, em como os dados foram obtidos, que procedimentos foram adotados [...]”.

Vale ressaltar que tal pesquisa tem como enfoque o cotidiano linguístico, os vocábulos que estão “na boca do povo” e que são o objeto de análise da presente investigação, neste caso, os palavrões que são/estão inseridos no dia a dia, utilizados como forma de intensificar as emoções do momento, até mesmo em falas jornalísticas (vide item 6).

Nesse contexto, os objetivos do nosso trabalho classificam-se como sendo descritivo, como bem comenta Marconi e Lakatos (2019, p. 298), “as pesquisas descritivas, por sua vez, objetivam descrever as características de uma população, ou identificar relações entre variáveis”.

A partir deste olhar teórico, iremos investigar como os palavrões estão inseridos no contexto brasileiro, nas mais diversas circunstâncias como forma de “externalizar” as emoções

momentâneas, bem como o “ocultamento”/rechaço dos palavrões em contextos mais formais, a saber: as falas jornalísticas.

6. USOS E SENTIDOS DOS PALAVRÕES NA ESFERA JORNALÍSTICA

É interessante discutir acerca dos usos linguísticos do que popularmente denominam-se “palavrões”, pois conforme Rocha e Oliveira (2015), alicerçados em outros teóricos, o palavrão é um termo no qual foram anexadas cargas pejorativas e que são severamente reprimidas pela classe conservadora, que tende a impor seus princípios e padrões para os demais cidadãos.

Neste ínterim, os autores supracitados traçam uma espécie de “linha histórica” no que concerne à gênese dos palavrões. Desde os primórdios e reforçados pelo moralismo cristão, tais expressões foram classificadas no quadro de “vocábulos de baixo calão”. A própria conceituação do que significa “baixo calão” foi criada a partir do pensamento moralista da classe dominante, apoiados na força que os líderes religiosos exerciam sobre a sociedade, tendo em vista que, outrora, Estado e Eclésia compartilhavam as decisões políticas, o destino da nação.

Um fato interessante a se pontuar, conforme Rocha e Oliveira (2015), é o fato de que, em se tratando do Brasil, é cultural a utilização dos palavrões como forma de expressar as emoções. A guisa de exemplificação, podemos citar o caso envolvendo a jornalista Livia Zanolini, da TV Integração, afiliada da TV Globo que, em 2018, disse numa gravação do jornal local: “agora o trem gelou aqui, puta que pariu...”, se referindo ao ar-condicionado do estúdio. Tal situação contradiz o que a classe moralista afirma, de que os ditos “palavrões” existem apenas para ofender o outro quando, como vimos na situação exemplificada, na verdade, podem expressar cenas de desabafo ou espanto.

Nesse contexto, podemos citar ainda o comentário do jornalista da Globonews Valdo Cruz durante a campanha eleitoral de 2022 a respeito de um debate presidencial afirmando que “Lula ficou puto da vida com o padre Kelmon”, utilizando a expressão “puto da vida” para designar que o então candidato do PT estava revoltado com o comportamento de padre Kelmon, candidato pelo PTB. Percebemos que a utilização dessa expressão ajuda a reforçar a intensidade da emoção/sentimento expressa pelo sujeito, mas que no ambiente jornalístico (de imprensa), onde a cobrança pela robustez linguística se faz presente, é veementemente reprimida. Foi o que aconteceu também com a jornalista Natuza Nery (Globonews) em 2022. Ao comentar sobre a decisão do

então presidente Jair Bolsonaro de trocar o comando da Petrobras, deixou escapar: “daqui a dois meses, tem uma puta transferência...”, evidenciando que se tratava de uma alteração significativa no comando da estatal.

Partindo desta linha de raciocínio, de acordo com Rocha e Oliveira (2015), existe a noção de espaços públicos e privados, noção esta que remonta à antiguidade greco-latina (CRUZ, 2020), onde o público referia-se ao espaço coletivo, onde eram tomadas as decisões políticas com a participação popular. Já o privado está atrelado ao ambiente onde os não privilegiados se encontram, no caso da Grécia Antiga, os artesãos, agricultores, tecelões, etc.

Nesta seara, pode-se citar as contribuições de Norberto Bobbio (1992), em sua obra *“Estado, governo e sociedade”* no que concerne à definição de direito público e privado. O primeiro está ligado às decisões em prol da coletividade, no Estado moderno, tomadas pelo governo. Já o direito privado consiste no indivíduo, as suas ações como ser único.

Toda esta contextualização filosófico-política serviu para explicar que, de acordo com o direito público, que, teoricamente, deveria atender às expectativas populares, o uso dos palavrões é uma ofensa, sendo proibido sua proferição em determinados ambientes (espaços estes, na maioria vezes, liderados pela classe dominante e moralista). Em se tratando do direito privado, ou seja, considerando a individualidade do ser, o uso das expressões de “baixo calão” é comum, por se tratar de uma característica cultural do povo brasileiro de expressar suas emoções, sejam de raiva, alegria ou amor.

Vale destacar que os palavrões se originam a partir dos aspectos socioculturais dos falantes de uma determinada língua, no caso do português, sendo rotulados como termos tabus, rechaçados pela sociedade diante da influência de instituições de peso como a Igreja Católica que acreditava que tais vocábulos atingiam a moral cristã e os bons costumes. De uma maneira geral, prevalece como forma classificatória de muitas palavras a separação entre aquelas que expressam sentimento de sagrado, atrelada ao caso da religião, as lexias proibidas, caso mais recorrente, e por conseguinte, jogadas na sarjeta da comunicação humana, e aqueles termos que reverberam algum sentido de desagrado (Sandmann, 1993, p. 222).

Os palavrões, enquanto resultado das interações humanas com os objetos, pensamentos e a realidade em suas diferentes facetas, podem ser entendidos sob diversos grupos semânticos: aqueles ligados à infidelidade, geralmente ao homem traído (corno, chifrudo etc), à religião (desgraçado, diabo, filho do cão, maldito etc), à falta de higiene(porco, sebososo, imundo, nojento

etc), à defecação e micção (cagão, mijão), à sexualidade, geralmente em relação ao homem, mas há também em referência às mulheres (veado, bicha, galinha, fresco, filho da puta etc). Existem ainda termos da linguagem erótica/obscena como “cu”, “rola”, “rabo” e outros; palavras que atribuem relação de proximidade entre parte do corpo animal ao humano (pata, juba, crina, focinho etc) e aquelas palavras relativas à idade do sujeito: idade mais baixa (fedelho, frango etc) ou mais avançada (coroa, velharia, caduco). Como tudo na esfera da linguagem depende do contexto, todos os termos acima relatados podem ser pejorativos, utilizados para diversos fins, mas com conotação às vezes chula, ou com o objetivo explícito de ofender/destruir a imagem de outrem.

Apesar disso, nem sempre um palavrão é empregado com o intuito de ferir outra pessoa. Expressões como "puta merda" ou "puta que pariu" podem, por exemplo, a partir de um dado contexto, expressar outras perspectivas semânticas. “Putá merda, esqueci o livro!”, nesse caso, o chamado palavrão não foi empregado com o objetivo de ofender alguém, pelo contrário, foi utilizado como forma de repulsa, de manifestação contrária a si próprio pelo fato de ter esquecido o livro. "Estar fodido" ou "lascado" é equivalente a dizer que alguém passa por uma situação complicada, difícil de se atravessar, e é mais uma mostra de que nem sempre o palavrão é usado com mote ofensivo/pejorativo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto, podemos atestar que as expressões intituladas de “baixo calão”, em especial na cultura brasileira, podem expressar diversas reações, a depender da situação em que se encontram os falantes. Neste viés, constatamos que nem sempre os ditos “palavrões” são utilizados para ofender alguém. No contexto brasileiro, comumente encontram-se conversas entre amigos onde determinados vocábulos são proferidos para exprimir uma reação de afeto, de alegria, de emoção ou mesmo de admiração, por exemplo.

Vale citar também que, na atualidade, existem inúmeras canções que são compostas com o uso dos palavrões, mais especificamente, no contexto das relações sexuais, onde os parceiros elogiam/xingam seus pares durante o ato como forma de “apimentar” o momento, afinal, há gosto para tudo e há quem se sinta confortável assim.

Diante do exposto, conclui-se que o “impronunciável” é mais pronunciado no nosso cotidiano do que nós imaginávamos. Vivemos imersos na linguagem e esta existe para que

possamos nos comunicar com o outro, expressando nossos pensamentos, sentimentos e emoções, emoções estas que são inerentes ao ser humano e se extravasam de inúmeras formas, inclusive com a pronúncia dos palavrões. Conforme estudo desenvolvido pela Universidade de Keele (Achkar, 2015 *apud* Rocha; Oliveira, 2015), localizada na Inglaterra, a utilização dos palavrões pode ser uma ferramenta benéfica nas situações de conflito, proporcionando ao indivíduo meios para extravasar a sua ira, a sua dor em um momento conturbado. Na esfera jornalística, como foi apresentado, os palavrões também se fazem presentes, por mais que sofram reprimendas das convenções exigidas desse meio. Quer seja para externalizar o comportamento de figuras políticas no noticiário, quer seja para construir um comentário sobre algo, os palavrões são recursos discursivos frequentes, apesar de não validados.

Este estudo não se encerra por aqui. Esperamos que temáticas como esta sejam levadas em consideração nos ambientes acadêmicos e que cada vez mais possamos normalizar o humano em nós, nos desvencilhando das amarras do jugo social puritano que determina também a nossa linguagem.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Comunicar é o que importa, certo? Errado!!!**. Disponível em: <[8 - Atividade assíncrona - Comunicar é o que importa, ERRADO](#)>. Acesso em: 20 de dezembro, 2021.

BECHARA, Evanildo. **Lições de português pela análise sintática**. 20. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BOBBIO, Norberto. **Estado, governo e sociedade. Para uma teoria geral da política**. São Paulo: Editora paz e terra, 2005.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CRUZ, Maurício Stunitz. **PÚBLICO E PRIVADO: O SURGIMENTO E A EVOLUÇÃO DOS CONCEITOS**. Disponível em: <<http://www.batebyte.pr.gov.br/Pagina/PUBLICO-E-PRIVADO-O-SURGIMENTO-E-EVOLUCAO-DOS-CONCEITOS>>. Acesso em: 01/08/2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3.ed. Curitiba: Positivo, 2004.



FIORIN, José Luiz. Qual é a função da linguagem. In: O'THERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento. **51 perguntas e respostas sobre a linguagem humana**. Parábola: São Paulo, 2022, p. 149-154.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6° ed. São Paulo: Atlas, 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 7°ed. São Paulo: Atlas, 2019.

LIMA, Rocha. **Gramática Normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARTINS, Maria Elizabeth Figueiredo. A questão da interjeição: classe gramatical ou frase de situação? **Revista Linguagem**, UFSCAR, 2012, p.1-9.

ROCHA; José Geraldo da; OLIVEIRA, Rosane Cristina de. **Lexicologia e lexicofonia: uso e sentido do palavrão na cultura brasileira**. Cadernos do CNFL, v.19, n° 2, Rio de Janeiro, 2015.

SANDMANN, Antônio José. **O palavrão: formas de abrandamento**. Revista Letras, n° 41-42, Curitiba, 1993.

TERRA, Ernani. **Curso prático de gramática**. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2011.